

OLHARES SOBRE O UNIVERSO INFANTIL NAS PRAÇAS PÚBLICAS

Ariane Silveira Dias
Bábarba Janaína Pansera
Cláudio Marques Mandarino
Ednaldo da Silva Pereira Filho
Nagel Lopes

RESUMO

As praças públicas apesar de projetadas funcionalmente nos centros urbanos como equipamentos de lazer são vistas, nomeadas e praticam múltiplas identidades. O objetivo desta pesquisa de cunho etnográfico é de compreender como ocorre a sociabilidade cotidiana de crianças em praças de São Leopoldo, bem como sua ocupação e circulação nesse espaço. Foram realizadas metodologicamente observações participantes que auxiliaram no entendimento da cultura do Outro. Percebemos o quanto a praça pública permite a visibilidade de personagens anônimos que ocupam poucos minutos para circular pelo universo infantil, sob o controle dos adultos e praticam a sociabilidade numa cidade que insiste ser moderna.

Sociabilidade – Infância – Praça Pública

ABSTRACT

The public parks although functionally projected in the urban centers as leisure equipment are seen, nominated and practise multiple identities. The objective of this research of etnográfico is to understand as the daily sociability of children in the parks of São Leopoldo occurs, as well as its occupation and circulation in this space.

As methodology we use the participant observation that had assisted in the agreement of the culture of the Other. We perceive how much the public parks allows the visibility of anonymous personages who occupy few minutes to circulate for the infantile universe, controlled by adults, and practises the sociability in a city that it insists to be modern.

Sociability - Infancy - Public park

RESUMEN

Los parques públicos aunque estén proyectados funcionalmente en los centros urbanos como equipo del ocio se ven, nominado y practican identidades múltiples. El objetivo que esta investigación etnográfica es entender como la sociabilidad diaria de niños en el parques de São Leopoldo ocurre, así como su ocupación y circulación en este espacio. Percibimos cuánto admiten a visibilidad de los personajes anónimos que ocupan pocos minutos para circular para el universo infantil, controlado por los adultos y practican los parques públicos la sociabilidad en una ciudad que insista para ser moderna.

Sociabilidad - Infancia - Parque público

“Sem lazer os homens acabam nos bares e as crianças nas ruas”. Em setembro de 2008 um tele jornal gaúcho apresentou uma reportagem denominada “A vez do

cidadão: espaços de lazer são importantes para as comunidades“ na qual trouxe falas como esta que inicia este nosso trabalho e outras tantas representações que no senso comum traduzem o lazer e suas “funções” na cidade urbana.

O presente trabalho de pesquisa analisa e discute o interstício existente entre os sentidos/significados das praças públicas projetadas funcionalmente nos centros urbanos como equipamentos de lazer e os produzidos pelas apropriações cotidianas das pessoas que interagem entre si nestes locais, em especial, as crianças no universo infantil.

Vários autores, entre eles Castells (1983) e Lojkine (1981) justificam que o surgimento e desenvolvimento do urbano – aquilo que concebemos como cidade urbana – seja uma especificidade histórica da sociedade industrial e, fundamentalmente, oriunda do modo de produção capitalista que impingiu, a partir de meados do século 18, um novo *modus operandi* para as cidades. Desta forma, a cidade urbana resulta do avanço de outras forças produtivas e do desdobramento de novas necessidades que foram refletir diretamente no planejamento urbano que prima por quatro funções básicas para as cidades: a função de habitar, de trabalhar, de circular e, finalmente, a função do lazer.

Para Harvey (2005), a modernidade fez uma ruptura com as condições históricas do momento, quando através do desenvolvimento de outras formas racionais de organização social e de pensamento indaga e destrói a concepção do antigo para criar o pretense novo eterno e promissor. Em cidades como Paris, Barcelona, Berlim, Nova York, Roma, nos seus espaços foram feitos investimentos urbanísticos e paisagísticos com grandes avenidas, dividindo o espaço urbano, fazendo com que os antigos planejamentos das cidades fossem substituídos. Juntamente com as mudanças ocorridas nas cidades modernas seguiram-se preocupações higiênico-sanitárias para que os cidadãos (mais especificamente, aqueles relacionados com a função social das cidades – o comércio) pudessem desfrutar no seu lazer de espaços públicos, como as praças e os parques. Pode-se dizer, portanto, que o desenvolvimento dos parques e multiplicação das praças seguiu no ritmo da necessidade da modernização das cidades. Sendo assim, estudar sobre praças e parques nos espaços urbanos hoje significa estar situado num tempo e espaço entre a lógica da modernidade e da contemporaneidade. Entendendo que na arquitetura moderna das cidades, foi dado aos parques e praças um significado relacionado às necessidades de se fazer um resgate de determinados lugares que poderiam ser perdidos nos planejamentos urbanos.

Neste trabalho nos dedicaremos a relativizar tão preciso e determinista *modus operandi* de ser e viver nas cidades. Partilhamos da compreensão de que a cidade representa também um espaço de comunicação e que as pessoas constroem, intersubjetivamente, a partir de seus desejos e de seus grupos de convivências e conflitos formas diferentes de habitar e desabitare as cidades. Esta pluralidade emerge no cotidiano e se expressa na cidade urbana sob a forma de fronteiras físicas e simbólicas, pois este modelo de desenvolvimento econômico produziu/produz desigualdades sociais cada vez mais rotundas e que se evidenciam nas segregações sócio-espaciais. Principalmente no caso do Brasil que teve - segundo Monte-Mór (2005) - a urbanização caracterizada por uma política expansionista de Vargas; interiorista e desenvolvimentista de Juscelino e concentradora e integradora dos governos militares.

Robba e Macedo (2002) ao realizarem o estudo das praças brasileiras, consideram que os espaços livres urbanos destinados ao lazer devem permitir o convívio da população. Estes autores comentam que as praças surgiram ao longo da história e que no Brasil, não propositalmente, a estrutura de formação das cidades coloniais foi a força

geradora dos primeiros espaços livres públicos brasileiros: os adros das igrejas. O espaço deixado em frente aos templos era justamente o espaço de formação da praça.

Surgindo então, no entorno das igrejas, esses logradouros, constituíram os primeiros espaços livres públicos urbanos, atraíram as residências mais luxuosas, os prédios públicos mais importantes e o principal comércio, além de servir como local de convivência da comunidade e como elo de ligação entre esta e a paróquia.

Por outro lado, observa-se que ao longo da história urbana brasileira, as praças desempenharam papel diferenciado no contexto social. Como afirma Robba e Macedo (2002), até esse momento chamado de largo, terreiro ou rossio era o espaço de interação de todos os elementos da sociedade. Um espaço polivalente onde estavam presentes trabalhadores de todas as classes, artesãos e negociantes, apesar de cada um com seus atributos e peculiaridades sem, necessariamente, interagirem entre si. Ainda no estudo sobre as praças brasileiras, podemos entender a urbanização da cidade.

“Após a consolidação do modo de produção industrial, no começo do século XX, gerou profundas transformações do modo de vida urbano. O crescimento urbano exigiu intervenções novas, que se denominavam modernas, visando adaptar a cidade ao modelo produtivo industrial e as novas tecnologias que surgiam.” (ROBBA e MACEDO, 2002)

O urbanismo foi reflexo dessas transformações dando origem às propostas novas de cidades amplas, limpas e saudáveis. Segundo a Carta de Atenas (1933) um clássico manifesto urbanístico modernista, idealizado por Le Corbusier (1887 – 1965), onde a cidade ideal deveria garantir predominância da paisagem sobre área construída; levar em consideração elementos climáticos e higiênicos, da iluminação e do arejamento e, sobretudo, atender as quatro funções básicas e distintas: habitação, trabalho, circulação e lazer.

Esta proposta fortemente racionalista, tecnocrática e alheia às questões culturais dos habitantes preconizava que a grande camada da população trabalhadora urbana, que não tivesse possibilidades financeiras de deixar a cidade para recrear-se fora dela, nos campos e balneários, nem tivesse acesso aos clubes e associações privadas, viria a utilizar largamente os espaços livres urbanos para esse fim.

Ao mesmo tempo, difundiu-se amplamente na sociedade a prática de atividades esportivas, principalmente jogos coletivos, que tiveram nas praças o lugar ideal para sua prática e se transformaram numa das atividades recreativas e de convivência mais populares. O lazer urbano não deveria se restringir apenas a passear ociosamente contemplando a natureza, mas engloba atividades de lazer ativo, como a prática de esportes e a recreação infantil.

“Alguns equipamentos são característicos dessas novas modalidades de lazer, como os Playgrounds, que surgem no Brasil nos anos de 1940 como lugares destinados à recreação das crianças, e as quadras esportivas, que passam a ser consideradas equipamento

indispensável ao lazer”. (ROBBA e MACEDO, 2002)

A praça moderna assumiu a condição de espaço de recreação diversificado, devendo atender às necessidades recreativas de uma faixa populacional cada vez maior, o que a tornou elemento urbano essencial na moderna cidade que vem se delineando ao longo do processo histórico. Um excelente exemplo deste arquétipo de praça pública está expresso na tese de doutorado da Amaral (2002, p. 5-6) que diz:

“O ócio era considerado o “grande pecado” contra o capital (...) os Jardins de Recreio em praças públicas de Porto Alegre os quais tiveram o intuito de proporcionar medidas de prevenção à delinquência juvenil, além de ocupação saudável para as crianças. Para a terceira idade oferecia um espaço de recuperação de energias e dispunha aos trabalhadores atividades que lhes promovessem uma convivência harmônica. As praças possuíam equipamentos destinados à recreação infantil, as bibliotecas, quadras poliesportivas e espaços para descanso.”

Hoje diferentes estudos sobre esta temática revelam múltiplas funções para as praças públicas, entre eles, Natezon (1995), ao analisar as praças de Buenos Aires, comenta que elas cumprem uma função de reserva natural, de valorização do mercado imobiliário e é uma expressão das interações que acontecem no tecido urbano. Gonçalves, Pikussa, Oliveira e Santos (2007), no seu estudo sobre as praças entendem que elas deveriam ser num espaço multifuncional e adaptável para permitir uma ocupação mais livre e criativa que possibilitasse uma participação dinâmica da comunidade na praça.

Para facilitar a compreensão de como operam estas transições de sentidos/significados, nos reportaremos aos estudos de Santos (2008) quando analisou a distinção entre paisagem e espaço comentando que a paisagem é o conjunto de formas, que em determinado momento, exprimem as heranças representadas pelas sucessivas relações localizadas entre as pessoas e a natureza, sendo o espaço estas formas mais as relações cotidianas que as animam. Seguindo este autor, podemos dizer que a paisagem (no caso aqui: a praça) existe a partir das formas que lhe foram dadas em determinado momento histórico e contingente. Pensando no espaço, dentro desta compreensão, ele assume uma função que responde as necessidades atuais daqueles que interagem cotidianamente, ou como comenta Certeau (2003) praticam o espaço. Praticar o espaço seria para este autor, caminhar e enunciar fazendo do seu trânsito uma possibilidade de ver e ser visto em mapas urbanos a partir de deslocamentos que nomeiam os seus passantes colocando-os em diferentes lugares (posições), jeitos, estilos e identidades.

Depois destas considerações conceituais é importante salientar que a realização desta investigação é desdobramento de outras pesquisas que vem sendo desenvolvidas, desde 2007, pelo Nupé da Cidade¹. Onde - a partir do mapeamento dos espaços públicos

¹ Núcleo de Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Cidade, formado por pesquisadores associados de diferentes instituições, entre elas a UNISINOS, a ULBRA, a UNICHAPECÓ e a UFSM.

do município de São Leopoldo/RS - Valentim, et all (2007) classifica e qualifica a presença de 95 praças e dois parques neste município, divididas em três regiões administrativas da gestão pública: SELESTE (Região Leste), SEMOV (Regiões Centro, Oeste e Sul) e finalmente a SENORTE (Região Norte).

Nesta oportunidade, com o subsídio da Rede CEDES (Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer) do Ministério do Esporte, apresentamos um recorte de um estudo maior que visa compreender a sociabilidade cotidiana nos espaços públicos de esporte e lazer nas cidades gaúchas de São Leopoldo, Canoas e Santa Maria. Sendo assim, priorizaremos neste trabalho descrever e discutir os diferentes olhares sobre o universo infantil em praças públicas de distintas regiões do município de São Leopoldo/RS.

Trata-se de um estudo descritivo de cunho etnográfico realizado a partir de visitas em nestas três praças: Sinuelo, Parada 2 e da Biblioteca, cada uma localizada em regiões diferentes de São Leopoldo/RS. Nosso corte temporal no desenvolvimento das observações de campo foi do mês de abril até julho de 2008. Foram utilizadas como técnicas para o estudo o diário de campo e a observação participante para a coleta de informações. O estudo pode ser caracterizado como uma incursão etnográfica, pois, buscou o compartilhamento da experiência da cultura do “outro” através da convivência profunda e prolongada. Malinozowski citado por Winkin (1998), quando se refere aos indígenas pesquisados, caracteriza o objetivo do estudo etnográfico como a compreensão da visão de mundo do outro. Num outro momento, de posse dos diários de campo, realizamos a análise de conteúdo que, segundo Bardin (2007), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que auxilia na categorização de alguns elementos, entre eles: o universo infantil.

Começando pela Praça da Biblioteca, comentamos que há mais de 40 anos atrás o local ocupado hoje pela Praça da Biblioteca era sede de um quartel do exército, a 6ª Companhia de Comunicações. Ainda é presente na memória dos moradores vizinhos ao local naquela época, as festas que o quartel promovia com frequência e convidava a comunidade a participar. No final da década de 60 o quartel foi transferido daquele local para o Paraná. Segundo relatos que obtivemos, em 1968 a transferência do quartel trouxe descontentamento para os moradores da região. A relação entre o espaço, os soldados e a população da cidade já era estreita. E a sensação de segurança encontrada na presença dos soldados, representantes da defesa civil, já não habitava aquela área. Até o início dos anos 70 o local ficou abandonado, sendo nesse momento apenas paisagem, sem as relações cotidianas que o animavam.

Hoje em torno da praça ainda existem muitas casas, na verdade é uma mistura de residências e comércio. Não segue a mesma lógica descrita por Bauman (2001) quando cita a Praça La Défense, que não desperta nenhum tipo de atrativo para que as pessoas permaneçam por ali algum tempo e que apenas atraí movimento nos horários de chegada e partida do metrô ficando entre grandes arranha-céus. Mas é uma praça que, mesmo permitindo o acolhimento de quem por ali passa se pode observar esta diferença. Como está localizada entre uma área residencial e as principais ruas de comércio do centro da cidade, a praça é apenas local de passagem para a maioria das pessoas que lá pretendem ir. Ela segue uma lógica dos centros de cidade, em que Bauman (2001, p. 111) escreve sobre o evento sem futuro em que estranhos se encontram, “em uma história para não ser continuada, uma oportunidade única a ser consumada enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião”.

Ainda que a praça esteja localizada em um ambiente parcialmente residencial, a comunidade não tem papel importante sobre aquele espaço, não há envolvimento dos

moradores no intuito de solicitar mudanças na praça. Desde a feira de produtos coloniais que acontece todas as segundas feiras a tarde e reúne um público expressivo, até a implantação e/ou manutenção dos equipamentos públicos do local são realizados por iniciativa da prefeitura do município, sem nenhuma interferência dos moradores desse bairro.

Jesus (1999a) define espaços públicos de lazer esportivo como aqueles que possibilitam a execução de modalidades esportivas, de forma prioritária, cujo acesso se dê de maneira livre. Na Praça da Biblioteca encontramos uma quadra de areia e duas quadras de lajotas, todas iluminadas, e espaço calçado para realização de caminhadas em torno da praça. A área dos brinquedos é ampla e comporta três gangorras, nove balanços, um escorregador. Além de um grande chafariz iluminado e com o piso colorido, cercado por bancos a sombra, que é alvo de contemplação pelos frequentadores do local.

De acordo com os dados do censo demográfico do ano de 2000, publicado pelo IBGE, as cidades são os espaços geográfico, social, econômico, educacional e cultural de oito em cada dez crianças brasileiras menores de sete anos. Crianças que estão cercadas de brinquedos, vídeo-game, jogos eletrônicos, academias, etc. (REDIN, DIDONET, 2007). Brinquedos estes que em muitas situações levam as crianças para dentro de suas casas privando-as das trocas ocorridas nas praças que são espaço privilegiado para as atividades de lazer e recreação nas suas mais diferentes perspectivas. Mantendo essa linha de pensamento, dentre as situações já observadas e a partir de informações obtidas em conversas informais que tivemos com os usuários que frequentemente estão no local, podemos afirmar que em poucas situações encontramos muitas crianças utilizando o espaço da praça para brincar ou praticar esportes. Apenas são encontradas em momentos pontuais, como a utilização do espaço para atividades de um projeto de educação pelo esporte com crianças, como descrito abaixo em uma passagem do diário de campo:

“Na pracinha estavam três crianças brincando no balanço enquanto suas mães observavam e uma senhora sentada lendo numa das mesas na volta da pracinha. Logo foram todos embora. As 14h30min chegaram à praça sete monitores do PEI (programa esporte integral) com aproximadamente cinquenta crianças de 06 a 08 anos divididas em três grupos. Essas crianças são educandos do semi-internato da escola da Cruz Vermelha que fica a uma quadra da praça”. (15 de abril de 2008)

Outro dado importante identificado nesse estudo é a rara presença de crianças desacompanhadas por responsáveis no espaço da praça. Observamos pais acompanhando seus filhos nas brincadeiras na praça, interagindo ou não com eles, mas nunca presenciamos um grupo de crianças, mesmo que pequeno, brincando sem o olhar de um adulto. Desta forma, a praça é um belo espaço de visibilidade das crianças que tomam para si o tempo da assistência do adulto, que cuida as brincadeiras, autoriza os maiores deslocamentos, assegura o retorno - um novo *modus operandi* higiênico-sanitarista. Destacamos abaixo um trecho do diário de campo que ilustra essa situação:

“As 13hs 30 min chega uma senhora com 4 crianças. Já vi ela com as crianças pelo menos uma vez nesse mesmo horário. As

crianças são três meninas e um menino. Não consigo distinguir se são todos filhos dela, mas acredito que pela idade poderiam ser. Variam de 4 a 10 anos. A senhora leva uma mochila escolar pequena nas costas e um molho de chaves na mão. Pode ser que more ali perto. Depois de brincarem um pouco nos balanços as crianças observam que o chafariz está sem água. Imediatamente todos correm lá para dentro. Ficam por ali correndo e dando risadas, devem achar graça da “piscina” como eles chamam estar vazia. Voltam para os brinquedos e enquanto isso a senhora caminha um pouco pela calçada do outro lado da rua e em seguida chama as crianças para irem. Eles devem ter ficado uns 15 minutos na praça.” (18 de junho de 2008)

Essa situação nos remete diretamente a fala dos moradores mais antigos que trazem a sensação de insegurança que a saída do quartel daquele espaço deixou, que é presente até os dias de hoje, o que justificaria a presença de adultos vigiando as crianças enquanto elas brincam.

Na rotina da criança na praça não encontramos muitas variações. Normalmente a criança chega até a praça acompanhada por um ou dois adultos. Em poucos casos identificamos mais crianças chegando juntas. Da mesma forma o seu brincar é algo solitário, não observamos a união de crianças, que não se conhecem, durante os momentos que estão na praça, seja para brincadeiras ou para conversação. Mesmo que elas estejam dividindo um espaço comum, como a pracinha, cada uma delas brinca sem ter contato com a outra, ou com as outras crianças. Como a área dos brinquedos é o espaço da praça mais freqüentando pelas crianças, quando lá estão elas diversificam seu brincar entre o balanço, o escorregador e a gangorra. Como em muitos casos as crianças vão apenas com adultos, o brincar na gangorra só é possível se o adulto acompanhar a criança.

Observamos que o tempo que elas permanecem brincando varia de 10 a 30 minutos. Esse tempo varia de acordo com o tempo que o responsável que a acompanha tem disponível. O tempo de brincar da criança é igual ao tempo livre que o adulto disponibiliza. Tonucci (2005, p. 82) nos aponta uma questão interessante trazida por uma criança, que nos remete diretamente ao que ocorre na Praça da Biblioteca:

“Quando vamos à pracinha, os avós são melhores que os pais, porque quando estão ali encontram os amigos, divertem-se com eles e nos deixam livres; os pais, pelo contrário, vêm conosco apenas para nos controlar e têm sempre pressa porque se cansam.”

Podemos verificar a importância do papel do idoso trazida por essa criança. Quanto maior for a autonomia do idoso e as possibilidades de acesso dele mais oportunidades as crianças possuem de praticar esse espaço. Mesmo que o idoso não as acompanhe nas brincadeiras, como ocorre em algumas situações quando são acompanhadas pelos pais ou irmãos mais velhos, eles oportunizam que as crianças freqüentem esse espaço. Independente de quem as acompanha, enquanto estão na praça, na maior parte do tempo, as crianças ficam na área dos brinquedos e intercalam entre os balanços, gangorras, escorrega e também brincam com a areia que reveste o chão da pracinha. Brincam com as pessoas que vieram com elas ou sozinhas.

Pela localização que a Praça da Biblioteca apresenta, num local onde o fluxo de pessoas, conhecidas e desconhecidas, é constante, vemos poucas alternativas para que ocupação e circulação das crianças seja de forma diferente. Apesar de ser um local que poderíamos chamar de aconchegante e que possui equipamentos variados e em bom estado de conservação, que abrigaria e contentaria o universo infantil, a localização desse espaço não proporciona, aos olhos dos adultos, a segurança necessária para que suas crianças brinquem livremente.

Numa outra configuração do universo infantil, nos deslocamos para a praça Sinuelo dando-se de forma menos intensa e significativa. O espaço físico do local, apesar de dispor de um área, não oferece atrativos no que diz respeito às crianças. Isto em função da escassez de brinquedos na pracinha, e da depredação dos poucos existentes.

O que percebemos através de alguns relatos nos diários de campos, são casos em que estas crianças se reúnem na quadra de areia para jogar futebol. Ou então casos ainda menos frequentes de pais levando seus filhos para fazer uso de alguns dos equipamentos que ainda estão em condições de funcionamento, como o gira-gira e um dos três balanços dos quais a praça dispõe. Entretanto em um dos casos, (o futebol na quadra de areia) ocorre a predominância de meninos (geralmente maiores de 14 anos) inseridos em uma prática de esporte ou lazer, e no outro, basicamente crianças muito pequenas, com idade por volta de dois a três anos. Como podemos ver em um trecho de um dos diários de campo:

“chegou um grupo de 2 adultos e 3 crianças, (provavelmente uma família), apenas os adultos e a criança mais nova, um menino por volta de 3 anos, permaneceram, as meninas (que eram mais velhas, por volta de 12 ou 13 anos) foram embora.”(diário de campo 12/04/2008)

Assim se torna muito evidente a necessidade de métodos mais abrangentes para a inserção de meninos e meninas com a faixa etária entre 4 e 14 anos. “Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha e o ar puro, pela água, fica excluído do gozo desses bens que deveriam ser públicos porque essenciais.” (SANTOS, p 32).

A praça Sinuelo, para nós aparece como um desafio para as políticas públicas de lazer, pois, a inexpressiva presença das crianças mostram a necessidade de se buscar alternativas com a comunidade para que a organização comunitária mobilize mudanças.

Focando agora uma praça da periferia da cidade, nos deslocamos para a praça da Parada 2. Esta, localiza-se na Região Leste no bairro Feitoria. Este é o bairro mais periférico e populoso de São Leopoldo. Abrangendo uma área total de 3.500,00m², constitui-se de sete equipamentos principais, sendo um Palco para shows (5x10m), Pista de skate (8x15m) Quadra de vôlei/futebol de areia (9x18m) Playground com brinquedos em pau roliço (15x20m), Campo de futebol (25x45m), Quiosque/Chimarródromo (diâmetro 7m) e Banheiros (fem/masc. 5x5m).

Sendo um projeto da prefeitura – projeto 20 praças -, após a mobilização dos moradores do entorno da praça, através do orçamento participativo da região, foi disponibilizado e utilizado um custo total de R\$144.492,50, para a construção do espaço.

SELESTE (Secretaria de Serviços Públicos da Zona Leste) foi quem se responsabilizou pela construção da praça estudada, juntamente com a AMOCF (Associação dos Moradores da Cohab Feitoria). À partir de pesquisas visando a

preferência dos moradores da região, e as reivindicações pelo espaço qualificado, no ano de 2004, iniciou-se a implementação da PRAÇA MODELO.

A praça moderna assumiu a condição de espaço de recreação diversificado, devendo atender às necessidades recreativas de uma faixa populacional cada vez maior, o que a tornou elemento urbano essencial na moderna cidade que vem se delineando ao longo do processo histórico. A cidade de São Leopoldo é fruto e produto influenciada pelo processo histórico. Para Moehlecke (1998, p.80) ao comentar sobre as praças no município de São Leopoldo explica que:

“As cidades precisam de praças. Quanto mais praças existirem numa localidade, mais elevado será o nível de vida da população. Infelizmente em São Leopoldo, o nosso percentual de áreas verdes é menor do que seria de desejar. É preciso que nossas administrações encarem com seriedade essa deficiência de nossa vida coletiva”.

A partir destes que fazem parte do contexto da praça, podemos observar que a sua maior utilização é por crianças e jovens. Estes são os que realmente de apropriam do espaço, aproveitando as horas livres, sociabilizando de forma agradável e prazerosa. Durante o tempo de pesquisa pude observar a influência da região no local, e os seus usuários. Segundo (Moehlecke, 1998).

“A casa da Feitoria é o marco histórico mais importante existente no município de São Leopoldo. Desde 1788 significou a presença da atividade humana nesta região e, por coincidência justamente no setor que mais tarde destacaria o Vale dos Sinos – a indústria. (...) a Feitoria do Linho-Cânhamo funcionou por 36 anos, até a sua extinção em março de 1824, para dar lugar à primeira leva de imigrantes alemães. “Este fato trouxe novo significado à sua existência: foi o primeiro lar dos que vieram de além-mar para tentar a vida em terras brasileiras.”

Hoje em dia, a Feitoria é famosa por ser um bairro mais segregado e ter porte violento, em relação aos outros bairros da cidade. Isso reflete muito na praça. Como por exemplo, a presença de usuários de drogas, planejamento de assaltos, prostituição noturna, mendigos dormindo na praça, destruição dos banheiros logo após a sua construção, e homicídio. Analisando o universo infantil na praça da parada 2, percebe-se que a bola, nesta praça, muito antes de rolar, já conquistou a simpatia dos pais por ser um instrumento barato, divertido, além de ser acessível a todas as classes sociais. A bola induz o grupo a se reunir e jogar. A sociabilidade sempre presente na quadra com duas, três ou mais crianças jogando. Presenciei times com 6 crianças, infantes de todos os gêneros divertindo-se, esperando para jogar, um rodízio organizado, sem nenhum técnico ou adulto supervisionando. A seguir uma parte do relato do dia 27 de maio de 2008:

“As crianças hoje estavam muito engraçadas. Aconteceu um jogo de futebol muito legal também. Havia 3 times. Um de 5 meninas, aquelas mesmas jovens que passam pela praça arrasando, cantando, rindo, se metendo no jogo dos outros,

quase todas as vezes que fui na praça elas apareceram. Um time de meninos menores entre 9 e 13 anos esses eram 6. e um outro time de meninos mais velhos 13 a 17. ficavam fazendo rodízio, quando um time perdia, trocavam. E os outros ficavam sentados nos bancos. As meninas perderam somente uma única vez e ganharam as outras 4. o rodízio acontecia quando faziam 2 gols, caso empatasse (2x2) o primeiro que fizesse o primeiro gol, trocava o rodízio.”

Equipado de escorregadores, escadas, balanços, todo em madeira, o playground, desafia as crianças a escaladas, atravessar sobre os pneus pendurados, subir pelas redes, e andar nos balanços. Os menores sempre acompanhado pelos pais, mães e avós, se divertem enquanto vigiados pelos seus responsáveis. Sempre utilizado também, o chimarródromo, um espaço reservado para as conversas, namoros, rodas de chimarrão, e descanso. Um quiosque aberto com quatro bancos nas laterais, propiciando um bom encontro e bate papo.

Durante as investigações observei um uso intenso deste equipamento, onde as crianças, os jovens, e casais se reuniram para conversar e trocar idéias.

O bebedouro ao lado do chimarródromo, proporciona bons momentos de bagunça e divertimento para a garotada. Geralmente após o jogo, eles tomam água, lavam os pés, molham-se uns aos outros. Até os cachorros utilizam da água que ali sobra. Podemos evidenciar no relato do dia 26 de abril,

“Rolou muitos palavrões, folgações, e discussões. Foi um jogo engraçado. Além dos times tinha mais uns 15 só assistindo o jogo. Alguns sentados nos outros bancos do chimarródromo, outros tantos sentado na pista de skate, e outros debaixo das árvores. (...) Tinha um cachorro bem bonito, parecia um fila mas misturado, chamado Ritso, um do meninos do jogo era dono. Todas as crianças eram conhecidas do cachorro, alias um cachorrão eu nem chegaria perto. Todos passaram a mão, apertaram as orelhas, brincavam, mexiam com o bicho. Dois meninos foram até o bebedouro, abriram a torneira, viraram para baixo e o Ritso se aproximou e ficou ali bebendo água na parte debaixo do bebedouro. Pelo jeito já estava acostumado a fazer isso. Um rapaz passou bem na hora e disse: - Que nojo! Nunca mais ponho minha boca aí. Achei exagero pois o cachorro nem chegou perto na onde saia a água.”

A pista de skate foi montada conforme as instruções da associação gaúcha dos skatistas, após terem encontrado irregularidades na construção, os skatistas moradores da COHAB, se uniram e pediram o auxílio de um arquiteto especialista da associação.

O que entendemos como significativo e que necessita de um olhar em relação às observações feitas, seguem na direção de alguns estudos que tiveram a preocupação com o universo infantil e permitem um diálogo com o nosso estudo. Estamos nos referindo A preocupação em relação aquilo que as crianças fazem nas praças nos mostra a necessidades de fazer investigações neste campo de conhecimento. Redin e Didonet (2007) comentam sobre a cidade amiga das crianças explicando que elas tem uma dívida para devolver-lhes o espaço em que nas ruas, praças e calçadas os seus

movimentos, divertimentos, simbolismos estejam presentes. Em outro momento, comentam que:

“O fato de existir crianças já determina obrigações para os planejadores e os administradores urbanos. Elas estão aí, precisam ser cuidadas. Enxergá-las no colo das mães, nos berços, nas ruas, reuniões, festas, assembleias e movimentos sociais exerce uma pressão interna no sentimento dos adultos.”
(2007, p.34)

A sociabilidade que aparece nesta observação necessita de um investimento dos adultos para que o evento aconteça. Não podemos desconsiderar que o universo infantil está povoado de super-heróis, personagens infantis, que se materializam nas praças em que brincam.

Nos estudos apresentados percebemos o quanto é diverso é o universo infantil nos espaços das praças. A partir de diferentes olhares, de perspectivas distintas, podemos identificar que estamos diante de um campo de conhecimento que permite sociabilidades entre as crianças e que exigem dos adultos atitudes para que pratique o espaço.

Referencias

- AMARAL, S. C. F. Políticas públicas de lazer e participação cidadã: entendendo o caso de Porto Alegre. 2002. 192 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2007. 223 p.
- BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 141 p.
- _____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.
- CAGNATO, E.V. Praça Afonso Botelho e as experiências no âmbito do esporte e do lazer. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte – Política Científica e Produção do Conhecimento. Recife Anais...: CBCE, 2007.
- CARTA DE ATENAS. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – 1933. Unesp: <http://ns.rc.unesp.br/igce/planejamento/carta%20de%20atenas.pdf>. Acesso em 26.07.2008
- CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1983.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. 9 Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio. Infâncias na metrópole. Belo Horizonte: UFMG. 2008. p. 19-46.
- GONÇALVES, F, S; PIKUSSA, R. F.; OLIVEIRA, T.; SANTOS, T. M. As Praças que a gente viu! As praças que a gente quer! In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte – Política Científica e Produção do Conhecimento. Recife Anais...: CBCE, 2007.
- HARVEY, D. A Condição Pós-moderna. 14 Ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- JESUS, G. M. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. Conexões: educação, esporte e lazer. Campinas, v. 1, n. 2, p. 46-59, jun. 1999a.

- LOJKINE, J. O estado capitalista e a questão urbana. São Paulo: Martins Fontes; 1981.
- MANDARINO, Cláudio Marques; PEREIRA FILHO, Ednaldo da Silva; FREITAS, Antônio Luis Carvalho de; DAMICO, José Geraldo Soares; et all. Mapa dos espaços públicos esportivos do município de São Leopoldo: um estudo exploratório. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Porto Alegre. Anais...: 2008. (No prelo)
- MONTE-MÓR, Roberto Luís. O que é o urbano no mundo contemporâneo. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(3):942-948, mai-jun, 2005
- NATEZON, C.E. As praças de Buenos Aires. Apontamentos para uma investigação. In: MESQUITA, Z.; BRANDÃO, C.R. Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1995.p-134-149.
- REDIN, E.; DIDONET, V. Uma cidade que acolha as crianças: políticas públicas na perspectiva da infância. In: REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Org.). Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007. p.23-42
- SANTOS, E.S. Reflexões sobre a utilização de espaços públicos para o lazer esportivo. RA EGA, Curitiba: UFPR, n. 11, p. 25-33, 2006.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4 Ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- TONUCCI, F. Quando as crianças dizem: agora chega!/ Tradução Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- VALENTIM, Débora et al. Espaços públicos para o lazer esportivo na cidade de São Leopoldo – Primeiras aproximações. In: Mostra Unisinos de Iniciação Científica: Unisinos. Anais...: 2007.
- WINKIN, Y. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papyrus, 1998. 216 p.

Rede CEDES/ UNISINOS/ Nupé da Cidade
Ariane Silveira Dias - ariane_dias@yahoo.com.br
Bárbara Janaina Pansera - barbara_pansera@hotmail.com
Nagel Lopes - nagellopes@hotmail.com
Ednaldo da Silva Pereira Filho - ednaldo@unisinos.br
Cláudio Mandarino - mandarino@unisinos.br

Comunicação Oral
Projektor de imagens